

DAS MÍDIAS SOCIAIS PARA AS PÁGINAS IMPRESSAS: OS MICROCONTOS  
DE ALEX EPSTEIN

Leopoldo O. C. de Oliveira (UFRJ)

**RESUMO:** este texto busca analisar o impacto na dinâmica autor-texto-público causado por textos cuja plataforma primeira de divulgação sejam as redes sociais, como o Facebook, e posteriormente divulgados, ou não, em forma impressa. Através da aplicação do conceito de modernidade líquida, cunhado por Zygmunt Bauman, à escrita literária, são analisados microcontos do autor israelense Alex Epstein, a dinâmica de sua publicação, divulgação e comercialização, bem como o fenômeno da existência de produtos “midiáticos” derivados do texto literário e a inevitável necessidade do ato tradutório para não leitores de hebraico. De especial interesse nesta análise está a aproximação do texto literário com as artes visuais, sua adequação formal à plataforma de divulgação e o traçar do perfil de seus leitores. Foram analisados microcontos dos livros *O azul não tem sul*, *Para a próxima mágica vou precisar de asas*, *Recalculando o amor* e *Em primeira mão, do autor*. Por fim, tentar-se-á refletir, através do próprio texto literário digital, o papel do texto impresso em um mundo cada vez mais virtual.

**PALVRAS-CHAVE:** Mídias Sociais. Microcontos. Escrita Líquida.

Nascido em 1971 na cidade russa de Leningrado, atual São Petersburgo, Alex Epstein imigrou para Israel no ano de 1980, aos nove anos de idade, estabelecendo-se com sua família na cidade de Lod. Epstein começou sua carreira literária em 1992, com o livro de poesias *Escrevendo Leningrado e outros poemas*, e desde então já publicou novelas, romances, contos e crítica literária.

O ano de 2012 foi um divisor de águas em sua carreira ao lançar via rede social Facebook o livro de microcontos *Para a próxima mágica vou precisar de asas*. Originalmente, a obra contém 88 microcontos, que podem variar em extensão de 3 linhas a uma página inteira. Sua edição impressa conta com 111 microcontos.

Desde então, todos seus livros posteriores foram lançados em edição digital, mas não em versão impressa. Como “teaser”, o autor publica fotos de microcontos selecionados em seu perfil no Facebook e os leitores podem comprar os livros via internet em formato pdf e e-book. Epstein também comercializa microcontos escritos à mão, em

papel especial, com desenhos nas margens e emoldurados em madeira, borrando assim as fronteiras entre literatura e artes visuais.

A partir da análise destes microcontos, de seu suporte “material” e da forma como os mesmos são divulgados, este texto pretende refletir sobre o impacto das novas tecnologias no fazer literário, na sua linguagem, na sua relação com as demais artes e, fundamentalmente, nos novos paradigmas que passam a reger a relação autor-obra-público leitor em um mundo tornado sem fronteiras pela disseminação das redes sociais.

Tentar-se-á colateralmente refletir sobre os prováveis motivos que levam a que determinadas obras sejam lançadas também em formato impresso, além da inevitável necessidade, ou não, de sua tradução para leitores que não dominam o hebraico; uma vez que a comercialização de microcontos em formato de quadro permite ao público não-leitor de hebraico apenas usufruir da beleza do grafismo do alfabeto hebraico cursivo, das ilustrações que margeiam o texto e das texturas do papel e da madeira, tornando-os, assim, uma autêntica obra de arte visual, que em determinada medida dispensa a priori o seu entendimento linguístico.

O estilo de escrita de Epstein pode ser descrito como eclético. Seus microcontos são uma coleção de flashes de situações cotidianas, um instantâneo de fatos inusitados, declarações insólitas, máximas, aforismos, provérbios, charadas, ditos irônicos, piadas, declarações raivosas e circunstâncias que beiram o *nonsense*, com uma aparente desconexão entre os títulos dos contos e seu conteúdo, nos quais o desconexo, o fragmentário, o incompleto e o não dito interagem para dar feição peculiar ao texto.

Pode-se dizer que muito de sua obra se reveste de uma feição kafkiana e não é fortuito que o próprio autor tcheco seja algumas vezes referenciado, seja por via oblíqua, como no microconto “No novo cemitério judaico de Praga”, seja diretamente, como em “Framboesa”, no qual o autor de *A metamorfose* é colocado como personagem em uma situação digna de sua própria escrita.

Em vez de uma pedra, alguém depositou sobre a lápide uma folha em branco. Dizem que as unhas continuam a crescer após a morte. E que escritores mortos continuam a escrever. (EPSTEIN, 2014 [2012], p. 109)

Um judeu chamado Franz Kafka – é possível haver uma história que comece de outro modo? – uma vez visitou o sonho da minha bisavó. Ela estava colhendo framboesas no bosque, nua como no dia em que nasceu; Kafka tinha um chapéu na cabeça – ele se apressou em tirá-lo para esconder as próprias vergonhas. “Onde estou”, perguntou assustado, em alemão. “Onde cresce a pimenta preta”, respondeu minha

bisavó em ídiche, e acrescentou: “Se você quiser, eu corto seu cabelo para ficar na moda”.

Acho que ela realmente o entendia. (EPSTEIN, 2014 [2012], p. 17)<sup>1</sup>

Se é possível admitir que escritores do passado, como Kafka ou Dostoievski, também algumas vezes referenciado por Epstein, continuam a escrever através da pena de escritores do presente, através de sua influência na escrita dos mesmos, em uma clara referência à polifonia e ao dialogismo proposto por Bakhtin, também encontramos um nítido posicionamento do autor sobre a influência do elemento kafkiano em sua obra ao fazer do escritor tcheco uma personagem de seu conto e ao fixá-lo em seu mundo através da figura de sua bisavó.

Os relatos familiares, verdadeiros ou ficcionalizados, as memórias vicárias de uma Rússia czarista e de uma Rússia soviética (a família de Epstein só imigrou para Israel em 1980), juntamente com a tradição judaica da Europa Oriental e com o zen budismo do Extremo Oriente são justamente os elementos que dão à escrita de Epstein a sua nota lírica, melancólica e nostálgica. “Conto sobre chuva, Bíblia e esperanto” nos dá bem a dimensão da utilização dos elementos citados na obra Epsteiniana:

De todas as histórias de nossa família, a que eu mais amo é aquela na qual há um vendedor de livros ambulante, ensopado até os ossos no meio de julho, dá uma piscadela para minha bisavó, que tinha acabado de lavar o pátio, convence vovô a cheirar uma Bíblia, traduzida do ídiche para o esperanto. Meu avô, que não sabe uma palavra de esperanto, compra a Bíblia por um preço altíssimo, na crença de que entre suas páginas estaria preservado para sempre o cheiro de chuva fresca. (EPSTEIN, 2005, p. 202)

A temática dos textos de Epstein, entretanto, não se reduz a este contexto mais intimista e familiar. Em seus microcontos, trata-se de amor, amizade, guerra, paz, política, religião, preocupações existenciais, tecnologia, cultura contemporânea, judaísmo, música, pintura, literatura, viagens, futurismo, passadismo, tudo isso amalgamado em uma rede de relações e alusões textuais que borra os contornos entre ficção e realidade, entre o mundo virtual e o material.

Dois microcontos ilustram bem os temas manipulados por Epstein e seu modo de trabalhá-los: “Saudade, conforme me explicou um menino de cinco anos” e “As últimas leis da robótica”:

---

<sup>1</sup> EPSTEIN, 2014 [2012], traduzido por Paulo Geiger. Demais citações, traduzidas por Leopoldo O. C. de Oliveira.

- Por que você está triste?
- Porque meu amigo imaginário viajou para outro país.
- Ele te deixou um endereço?
- Não. Ele viajou para um país imaginário. (EPSTEIN, 2013, p. 86)

1. Não se apaixonará o robô pelo humano, a não ser se o humano esteja terrivelmente solitário.
2. No caso de um amor não correspondido, o robô deve se auto desligar.
3. Para o inferno com as leis. (EPSTEIN, 2014, p. 12)

Caracterizo este tipo de escrita como uma escrita líquida. Líquida não no sentido de uma escrita e uma leitura que fluem em uma direção contínua e pré-determinada, mas sim uma escrita que flui e reflui, de fluxo e refluxo, cujo sentido definido, mas não o definitivo, pela volatilidade característica dos líquidos, só será alcançado, e talvez não plenamente, após o término do texto e da leitura.

Epstein logra esta característica de liquidez, de movimento pendular de ondas marítimas, na sua escrita dado aos lapsos, ao elemento faltante, à frouxidão com o manejo da pontuação, aos elementos desconexos e dispares e ao acesso às vezes difícil à compreensão de determinados elementos culturais, como suas várias menções ao zen-budismo e a autores e obras que talvez seus leitores desconheçam.

Se é verdadeiro o conhecido axioma da teoria literária de que haverá tantas interpretações válidas de uma obra quanto for o número de seus leitores, no caso de Epstein, arrisco a levar a fórmula mais longe: haverá tantas interpretações válidas de um mesmo microconto quanto o número de vezes que cada leitor individual empreender sua leitura. Ou seja, os significados atribuídos são cambiantes não apenas dentro da miríade de leitores, mas nas sucessivas leituras de um mesmo texto pelo mesmo leitor.

Decorre desta característica escritural que o leitor presumido da obra de Epstein, e me refiro aqui ao leitor dos originais hebraicos comercializados e utilizados em formato eletrônico, também seja uma entidade difusa e disforme, líquida, como sua escrita. Será qualquer leitor que esteja por trás da tela do computador ou do seu tablet a ler seus livros em formato pdf ou e-book e que pode, a qualquer dificuldade de acesso à compreensão de determinado elemento cultural citado no texto, fazer uma busca rápida pelo termo no Google que terá sua dúvida, e curiosidade, sanada e o acesso à possibilidade de compreensão do todo textual restabelecida. O microconto “O nome do rio” pode servir de base para um experimento que proponho e que poderá ilustrar bem o que venho expondo:

O mestre Zen perguntou a seus discípulos qual era o nome do rio que corria em duas direções. Eles responderam muito bem: um disse “tempo”, outro disse “amor”, o terceiro “memória”. O mestre Zen perguntou: “E agora?” (EPSTEIN, 2014 [2012], p.13)

Suponhamos que ao ler este conto, determinado leitor não tenha informações suficientes sobre a filosofia zen-budista, seu sistema de crenças, as características de seus mestres, de suas histórias, enigmas, máximas e aforismos. Tal leitor pode interromper por alguns minutos a leitura do arquivo que contém os microcontos e, sem sair de frente de seu computador, fazer uma busca no Google pelo termo “Zen-budismo”, que em menos de um minuto teria todas as informações necessárias para poder atribuir um significado e um papel ao Zen-budismo no microconto citado e em outros nos quais o termo aparece. No momento que escrevo este texto, fiz uma ligeira pausa e busquei por tal termo no Google e em 54 segundos a ferramenta me deu aproximadamente 421.000 resultados de links para páginas e vídeos sobre este tópico.

Como mencionado ao princípio deste texto, desde o lançamento em formato digital do livro *Para a próxima mágica eu vou precisar de asas*, a venda dos livros (em formato pdf e e-book) se dá concomitantemente a uma espécie de campanha publicitária do autor, que fotografa microcontos selecionados e os publica em sua página da rede social Facebook. Desta forma, além de uma ótima estratégia de marketing para o produto final, há o alcance imediato à obra por parte de virtualmente milhões de leitores e o retorno imediato também da reação do público à obra, por meio de curtidas e comentários ao post.

Esse modus operandi muda radicalmente a relação autor-obra-público, uma vez que nas publicações tradicionais em papel o processo ocorre do seguinte modo: a) o público não tem acesso prévio à obra e só poderá avaliá-la após sua compra e leitura, b) o autor só terá o retorno do alcance e da avaliação da sua obra a posteriori, por meio das resenhas e análises em seções especializadas de jornais e revistas e, por parte do público, pelo volume de vendas de seu livro e c) raramente o público tem a chance de reportar ao autor suas impressões sobre a obra.

Outra decorrência deste novo meio de divulgação e publicação do texto literário é a adequação formal da obra ao seu suporte, i.e., a rede social: temática diversificada, textos compactos, linguagem informal e baseada em substantivos e verbos; características totalmente em consonância com o mundo da internet, que nos expõe a uma gama variada de informações sobrepostas, de estímulos visuais e auditivos e de forma imediatamente

captável (ao menos a materialidade do que está escrito) ao entendimento (ao menos superficial).

Uma das características mais emblemáticas da indústria de entretenimento é a geração de subprodutos de um produto maior. Assim, uma animação da Disney ou da Pixar gera imediatamente uma constelação de produtos relacionados às personagens do filme: brinquedos, roupas, itens de alimentação, perfumes, livros, CDs e DVDs e o que mais a indústria imaginar e o público estiver disposto a consumir. Com os microcontos de Epstein não é diferente. Alguns de seus textos são por ele selecionados e escritos artisticamente à mão, com letra cursiva, em papel de arroz, margeados por desenhos de flores e emoldurados em madeira para serem comercializados também através da rede social Facebook.

Neste sentido é interessante notar que o autor não apenas rompe as fronteiras entre arte literária e artes visuais, mas também promove um resgate da tradição judaica de utilização das consoantes do alfabeto hebraico como elemento decorativo, como nas famosas iluminuras medievais e renascentistas, nos escritos de fachadas de sinagogas e nas páginas decoradas de livros de orações e paralitúrgicos, como a Hagadá de Pêssach.

Para o leitor nativo de hebraico, a transformação de um microconto em um quadro, um objeto decorativo, representa uma agregação de valor à obra, que passa a transitar e a fazer parte de um contexto transdisciplinar, trans-artístico e, digamos, multimídia. Para o não leitor de hebraico, os microcontos emoldurados seriam apenas uma obra de arte plástica, no qual o grafismo cursivo, os desenhos, a textura do papel e da madeira interagem para perfazer um todo harmônico; dispensando, assim, a priori e em um primeiro momento, uma tradução.

O que pode acontecer, entretanto, e não raro ocorre, é que a própria beleza plástica da obra produza no contemplador a vontade e a curiosidade de saber os significados daquelas palavras tão belamente dispostas e que mensagens estariam por trás delas. Neste caso, não há via de escape senão o ato tradutório. Até o presente momento, Epstein já foi traduzido para o Inglês, francês, espanhol, russo, grego, holandês, croata, italiano e português brasileiro. As traduções, ao menos para o russo, para o inglês e para o português, foram publicadas em edições impressas.

Após a publicação de *Para a próxima mágica vou precisar de asas*, os dois livros seguintes de Alex, *Recalculando o amor* e *Em primeira mão, do autor* (2013 e 2014, respectivamente) somente foram lançados originalmente em hebraico em formato digital, sem a correspondente edição impressa. É inegável que tal fato se dê por razões de

praticidade, economia e independência. Com as versões digitais de seus livros, o autor não necessita da estrutura complexa de uma editora e de seu sistema de distribuição.

Os gastos com revisão e diagramação são mínimos e inexistentes com papel, tinta, fotolitos, tipografia, arte, acabamento e divulgação. Além disso, a comercialização das obras é feita diretamente por Epstein, por meio de sua editora virtual Indibook, com pagamento via Paypal (por débito em cartão de crédito) diretamente em sua conta virtual. Pelo lado do comprador, agiliza-se o processo por meio da entrega quase que imediata do produto: uma vez confirmado o pagamento, em fração de minutos, os arquivos digitais dos livros são disponibilizados para download através de um link enviado para o e-mail do leitor. Obviamente, esta lógica não se aplica para as traduções, que necessitam de toda a infraestrutura de uma editora comercial, a começar por uma equipe de bem treinados tradutores; razão pela qual seus livros em outros idiomas são lançados apenas em versão impressa.

Finalizo este texto com uma reflexão do próprio Epstein sobre o futuro de publicações impressas, presente no seu conto “Sobre poetas americanos mortos e redes sociais”:

Em Podgoritsa, capital de Montenegro, fui parar numa livraria que se chamava, em inglês, “A última livraria do mundo”. Pelo visto era também uma das menores do mundo: parecia uma oficina de sapateiro na rua Allembly, em Tel Aviv, tinha uma dúzia de pilhas de livros numa língua que uma vez se chamou servo-croata amontoados no chão (identifiquei o *Do que estamos falando quando falamos de amor e alguns guias Michelin*). O dono, um velho enrugado e engravatado, que estava sentado num banquinho do lado de fora do seu cubículo e bebia *rakia*, estava acostumado às perguntas dos turistas – ele explicava num inglês polido que a influência dos livros eletrônicos é considerável também em seu pequeno país e prometia que não estava longe o dia em que além de sua modesta loja não restaria nenhuma livraria em Montenegro. (E depois, já que estava provado que o universo se expandia com o sofrimento, tampouco no mundo inteiro). (EPSTEIN, 2014 [2012], p. 18)

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Jorge Zahar Ed., 2001.

EPSTEIN, Alex. *Lakachol ein darom* (o sul não tem azul). Tel Aviv: Am Oved, 2005.

\_\_\_\_\_. *Mechashev ahavá mechadash* (“recalculando o amor”, livro digital). Tel Aviv: Indibook, 2013 (livro digital).

\_\_\_\_\_. *Yad rishoná misofer* (“em primeira mão, do autor”, livro digital). Tel Aviv: Indibook, 2014.

\_\_\_\_\_. *Para a próxima mágica vou precisar de asas* (trad. Paulo Geiger). Rio de Janeiro: Nau Editora, 2014.